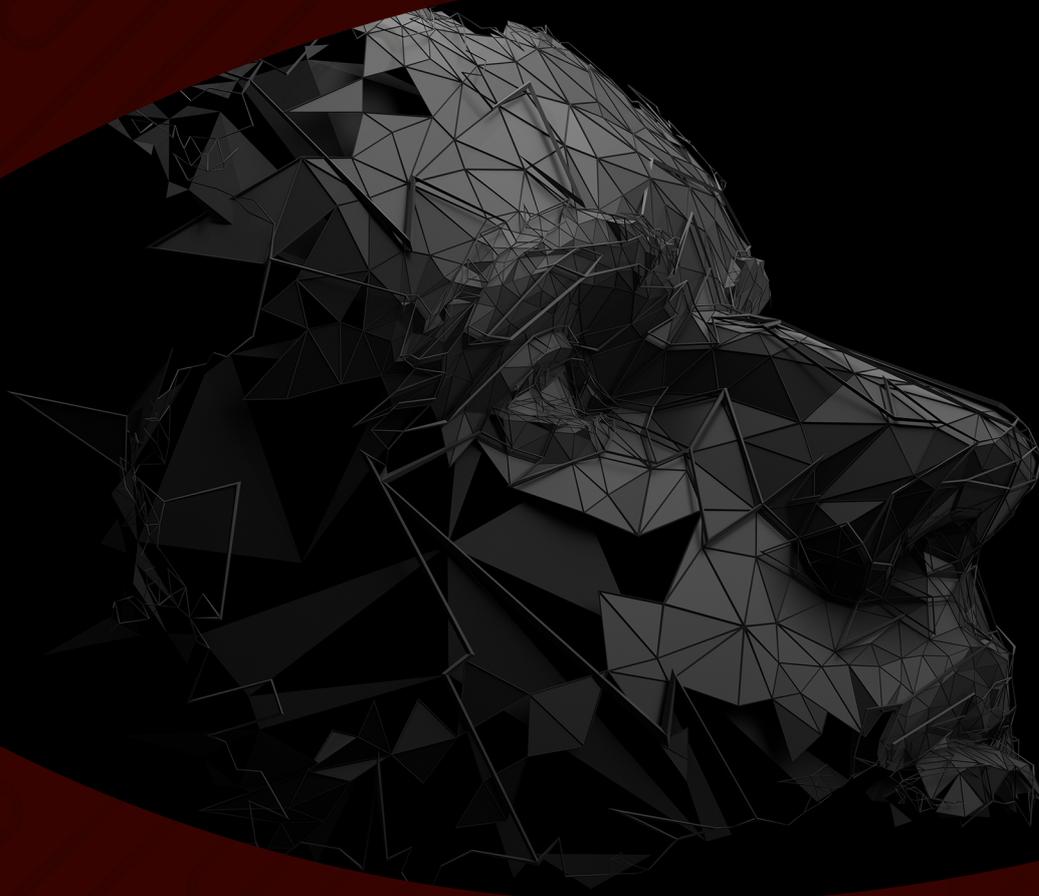
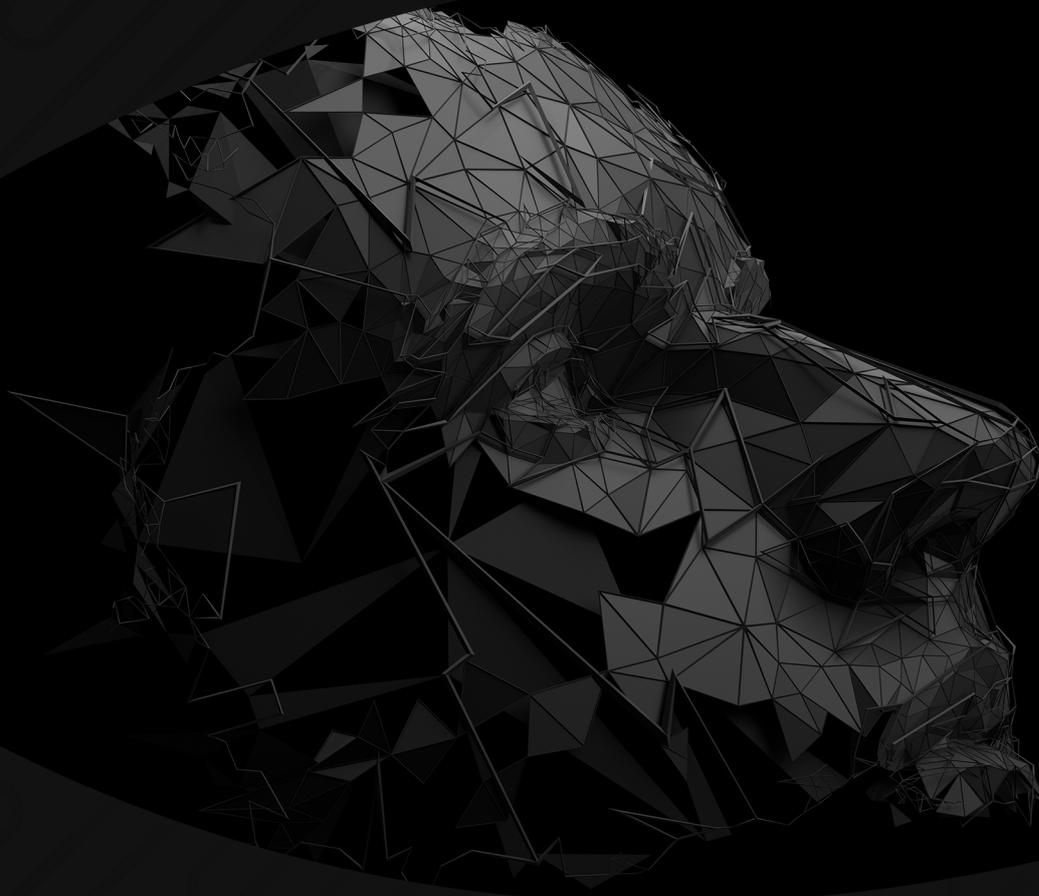


O Ensino Aprendizagem face às Alternativas Epistemológicas



Adriana Demite Stephani
(Organizadora)

O Ensino Aprendizagem face às Alternativas Epistemológicas



Adriana Demite Stephani
(Organizadora)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E59 O ensino aprendizagem face às alternativas epistemológicas 1
[recurso eletrônico] / Organizadora Adriana Demite Stephani. –
Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-85-7247-953-0
 DOI 10.22533/at.ed.530202301

1. Aprendizagem. 2. Educação – Pesquisa – Brasil. 3. Ensino –
Metodologia. I. Stephani, Adriana Demite.

CDD 371.3

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A coleção “Universidade, Sociedade e Educação Básica: intersecções entre o ensino, pesquisa e extensão” – contendo 52 artigos divididos em 2 volumes – traz discussões pontuais, relatos e reflexões sobre ações de ensino, pesquisa e extensão de diversas instituições e estados do país. Essa diversidade demonstra o importante papel da Universidade para a sociedade e o quanto a formação e os projetos por ela desenvolvidos refletem em ações e proposituras efetivas para o desenvolvimento social.

Diálogos sobre a formação de docentes de química e o ensino de química na Educação Básica iniciam o volume I, composto por 26 textos. São artigos que discutem sobre esse ensino desde a educação infantil, perpassando por reflexões e questões pertinentes à formação de docentes da área – o que pensam os licenciados e o olhar sobre polos de formação, bem como, o uso de diferentes recursos e perspectivas para o ensino. A esses primeiros textos, na mesma perspectiva de discussão sobre formas de ensinar, seguem-se outros sobre o ensino de matemática, geografia e ciências, tendo como motes para dessas discussões a ludicidade, interatividade, interdisciplinaridade e ensino a partir do cotidiano e da localidade. Dando sequência, o volume I também traz artigos que apresentam trabalhos com abordagens inovadoras para o ensino para pessoas com deficiências, com tabelas interativas, recursos experimentais e a transformação de imagens em palavras, favorecendo a inclusão. Fechando o volume, completam esse coletivo de textos, artigos sobre o comprometimento discente, a superação do trote acadêmico, o ensino de sociologia na atualidade, a relação da velhice com a arte, discussões sobre humanidade, corpo e emancipação, e, entre corpo e grafismo.

Composto por 26 artigos, o volume II inicia com a apresentação de possibilidades para a constituição de parceria entre instituições de ensino, aplicabilidade de metodologias ativas de aprendizagem em pesquisas de iniciação científica, a produção acadêmica na sociedade, a sugestão de atividades e estruturas de ambientes virtuais de aprendizagem e o olhar discente sobre sua formação. Seguem-se a estes, textos que discutem aspectos históricos e de etnoconhecimentos para o trabalho com a matemática, como também, um rol de artigos que, de diferentes perceptivas, abordam ações de ensino, pesquisa e extensão nos cursos de engenharia e de ciências na perspectiva da interdisciplinaridade. Contribuição para a sociedade é linha condutora dos demais textos do volume II que apresentam projetos que versam sobre estratégias para o combate ao mosquito da dengue, inertização de resíduo de barragem em material cerâmico, protótipo de automação de estacionamento, produção de sabão ecológico partir da reciclagem do óleo de cozinha, sistema fotovoltaico suprindo uma estação rádio base de telefonia celular, e, o controle digital

de conversores.

Convidamos o leitor para navegar por esses mares de leituras com tons e olhares diversos que apresentam o que as universidades estão discutindo, fazendo e apresentando a sociedade!

Adriana Demite Stephani

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A QUÍMICA CONTEXTUALIZADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA ATRAVÉS DO TRATAMENTO DE ÁGUA	
Isabela Cristina Damasceno Jéssica Paola da Silva Fernandes Andrea Santos Liu Marcela Guariento Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.5302023011	
CAPÍTULO 2	9
AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS NO ENSINO DE QUÍMICA: ALGUMAS IMPLICAÇÕES	
Francisca Georgiana M. do Nascimento Antônio Igo Barreto Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.5302023012	
CAPÍTULO 3	14
COLÉGIO PEDRO II COMO POLO DE FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFESSORES DE QUÍMICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	
Mauro Braga França Carlos da Silva Lopes Marcos Correa Guedes Edson de Almeida Ferreira Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.5302023013	
CAPÍTULO 4	20
O USO DO SCRATCH NO ENSINO DE QUÍMICA: UMA POSSIBILIDADE PARA O ENSINO DE NOMENCLATURA DE HIDROCARBONETOS	
Francisca Georgiana M. do Nascimento Ticiano do Rêgo Costa	
DOI 10.22533/at.ed.5302023014	
CAPÍTULO 5	30
VIOLÊNCIA DE GÊNERO: ENTRELACE DA PSICOLOGIA SOCIAL COM O ENSINO DE QUÍMICA	
Evelyn Leal de Carvalho Eliane Luciana Cruz Leal Ellen de Carvalho Alves Jéssica Thaline Alves de Sousa Gabriela Salomão Alves Pinho	
DOI 10.22533/at.ed.5302023015	
CAPÍTULO 6	39
“O QUE É SER PROFESSOR DE QUÍMICA FRENTE À CRISE DEMOCRÁTICA?": UMA RODA DE CONVERSA COM LICENCIANDOS EM QUÍMICA DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO (IFRJ – DUQUE DE CAXIAS)	
Monique Gonçalves Mauro Braga França Stephany Petronilho Heidelmann	

CAPÍTULO 7 49

UTILIZAÇÃO DE AGROTÓXICOS E ALTERNATIVAS AO SEU USO COMO TEMA TRANSVERSAL NO ENSINO DE QUÍMICA

Queli Aparecida Rodrigues de Almeida
Caio Marlon da Silva de Almeida
Isabele Mello da Silva
Viviane Silva Valladão
Mariana Magalhães Marques

DOI 10.22533/at.ed.5302023017

CAPÍTULO 8 56

COMO A QUÍMICA AGE NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE BOLOS?

Julio Marcos Barroso Cremonesi
Douglas Mateus de Melo
Maria Vitória Gonçalves Costa

DOI 10.22533/at.ed.5302023018

CAPÍTULO 9 67

A MATEMÁTICA ATRAVÉS DA CULINÁRIA: EVITANDO O DESPERDÍCIO DE ALIMENTOS

Francielly dos Santos Proença Sgamate
Adriani Pereira de Lima Silva
Edinalcio Fernandes Syrczyk
Joice Aparecida Gurkewicz

DOI 10.22533/at.ed.5302023019

CAPÍTULO 10 72

OLIMPÍADA BRASILEIRA DE MATEMÁTICA DAS ESCOLAS PÚBLICAS (OBMEP): INSTRUMENTO DE INCLUSÃO SOCIAL

Tiago Eutiquio Lemes Santana
Eder Regioli Dias
Silvia Pereira Domingues

DOI 10.22533/at.ed.53020230110

CAPÍTULO 11 82

A GEOGRAFIA DE SANTA CATARINA NO ENSINO MÉDIO

Kalina Salaib Springer
Luis Antônio Bento
Leonardo Fiamoncini de Souza

DOI 10.22533/at.ed.53020230111

CAPÍTULO 12 89

ALUDICIDADE COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE PARASITOLOGIA DURANTE A 14ª SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Rodrigo Araujo Cocêlo Dias
Allan Santana Mendes
Amanda Caroline Silva Pereira
Michelle Daniele dos Santos-Clapp

DOI 10.22533/at.ed.53020230112

CAPÍTULO 13 102

PERCORRENDO USOS/SIGNIFICADOS DA TABUADA INTERATIVA: VIVÊNCIAS NA IV MOSTRA ACREANA DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO - VIVER CIÊNCIA

Mário Sérgio Silva de Carvalho
Simone Maria Chalub Bandeira Bezerra
Salette Maria Chalub Bandeira
Inayara Rodrigues de Carvalho
Ivanilce Bessa Santos Correia
Adriana dos Santos Lima
Suliany Victoria Ferreira Moura

DOI 10.22533/at.ed.53020230113

CAPÍTULO 14 116

AVALIAÇÃO CONSTRUTIVA: A DIVINA COMÉDIA SOB A ÓPTICA DAS INSTALAÇÕES GEOGRÁFICAS

Emerson Ribeiro
Diego Leite Alexandre
Carlos Augusto Barros da Silva

DOI 10.22533/at.ed.53020230114

CAPÍTULO 15 132

EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA POR MEIO DOS PROBLEMAS LOCAIS: ESTUDO DE CASO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Adilson Tadeu Basquerote Silva
Eduardo Pimentel Menezes

DOI 10.22533/at.ed.53020230115

CAPÍTULO 16 141

PERCEPÇÕES DA PAISAGEM URBANA: OLHARES CONCEITUALMENTE QUALIFICADOS SOBRE A CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Fabiano Soares Magdaleno

DOI 10.22533/at.ed.53020230116

CAPÍTULO 17 154

OS DESAFIOS DA MEDIAÇÃO E APRENDIZAGEM NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

Ana Paula Souza do Prado Anjos
Raquel Lima Besnosik
Fábio Oliveira
Soraia Oliveira da Cunha Silva
Aline Teixeira de Matos

DOI 10.22533/at.ed.53020230117

CAPÍTULO 18 164

RECURSOS EXPERIMENTAIS PARA O ESTUDO DA PROPAGAÇÃO DO CALOR NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DE DEFICIENTES VISUAIS

Lucia da Cruz de Almeida
Viviane Medeiros Tavares Mota

DOI 10.22533/at.ed.53020230118

CAPÍTULO 19	173
TABELAS PERIÓDICAS INTERATIVAS: ALTERNATIVAS MULTIDISCIPLINARES NO PROCESSO DE INCLUSÃO, ENSINO E APRENDIZAGEM DE PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN	
Bernardo Porphirio Balado Izabelle Chipoline dos Santos Lorraine da Silva Pereira de Souza Rute Ferreira Carvalho Yasmim Schramm Martins da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.53020230119	
CAPÍTULO 20	183
UMA IMAGEM VALE MAIS QUE MIL PALAVRAS. QUEM DISSE?	
Sofia Castro Hallais Maria da Conceição de Almeida Barbosa Lima	
DOI 10.22533/at.ed.53020230120	
CAPÍTULO 21	193
COMPROMETIMENTO: UMA DECISÃO PESSOAL DO ALUNO	
Paulo César Bernardes Filho	
DOI 10.22533/at.ed.53020230121	
CAPÍTULO 22	205
COMPROMISSO SOCIAL, CONSTRUÇÃO DE VALORES E A SUPERAÇÃO DO TROTE ACADÊMICO	
Ana Cecília Oliveira Silva Ana Karolina Aparecida Costa Leal Armando Castello Branco Junior Bruno Amaral Meireles James Rogado Kátia Ferreira Quirino, Ronier Santos Souza Victória Eugênia de Freitas Ferreira Yuri Falcão Callegaris	
DOI 10.22533/at.ed.53020230122	
CAPÍTULO 23	211
ESTRATÉGIAS DE ENSINO DE SOCIOLOGIA NO SÉCULO XXI SOCIOLOGY TEACHING STRATEGIES IN 21 ST CENTURY	
Henrique Fernandes Alves Neto	
DOI 10.22533/at.ed.53020230123	
CAPÍTULO 24	223
A VELHICE E ARTE: UMA ANÁLISE DA OBRA “ SÃO JERÔNIMO A ESCREVER” DE CARAVAGGIO E SUAS RELAÇÕES COM A FIGURA DA PESSOA VELHA	
Hendy Barbosa Santos Paulo Victor Monteiro Santana de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.53020230124	

CAPÍTULO 25	233
HUMANIDADE, CORPO E EMANCIPAÇÃO: PROPOSIÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO DIÁLOGICA E DECOLONIAL COM CORPOS, CULTURAS, EMOÇÕES	
Marília Menezes Nascimento Souza Carvalho	
Cleidinalva Silva Cerqueira	
Maria Cecília de Paula Silva	
DOI 10.22533/at.ed.53020230125	
CAPÍTULO 26	246
O CORPO EM CENA: IMPLICAÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DO GRAFISMO E PARA A APROPRIAÇÃO DA ESCRITA	
Marisa Assunção Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.53020230126	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	265
ÍNDICE REMISSIVO	266

AVALIAÇÃO CONSTRUTIVA: A DIVINA COMÉDIA SOB A ÓPTICA DAS INSTALAÇÕES GEOGRÁFICAS

Data de aceite: 13/01/2020

Emerson Ribeiro

Universidade Regional do Cariri (URCA)
emerprof@hotmail.com

Diego Leite Alexandre

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
diegoalexandre1995@gmail.com

Carlos Augusto Barros da Silva

auggusto2014@gmail.com (UFPB)

RESUMO: O presente trabalho articula elementos da imaginação e da criatividade, focalizando a arte e a poesia, como plataformas para uma reflexão alicerçada no processo da avaliação escolar. A atividade, que ilustra nossa experiência escrita, foi realizada com a turma do VIII semestre da disciplina de Estágio Supervisionado III, no ano de 2016, pelo curso de Geografia da Universidade Regional do Cariri (URCA), em que, a avaliação da turma, foi feita por meio da metodologia de ensino por Instalações Geográficas, trabalhadas mediante a interpretação dos sonhos dos alunos em relação com a obra de Dante Alighieri “A divina comédia” e Carl G Jung “O homem e seus símbolos”. Nossos procedimentos metodológicos estão inseridos nos moldes

da abordagem qualitativa de pesquisa, tendo como instrumentos e técnicas de pesquisa o uso de transcrições e da análise fotográfica das atividades mobilizadas. O texto apresenta ao leitor em tom de debate, ao fazer, inicialmente, uma análise crítica a determinadas formas de avaliações que tomam o aluno enquanto mero elemento quantificável. Assim, temos como proposição, apresentarmos uma outra forma de avaliação, conhecida como Avaliação Construtiva, que sob a óptica do ensino, privilegia o processo de construção do saber de acordo com a mediação dialética.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação construtiva, criatividade, instalações geográficas, sonhos, metodologia.

EXÓRDIO

A apresentação de novas possibilidades avaliativas para o ensino, em geral, é duplamente uma atividade de resistência e de oportunidades. Resistência porque, o novo, ou ainda o (re)inventado, é sempre objeto de desconfiança da comunidade acadêmica. É, ainda, também um espaço de possibilidades, porque promove aos sujeitos-professores a condição de tornar visíveis as (suas) práticas

pedagógicas em sala de aula.

Diante disso pretendemos desenvolver o texto em forma de debate, oferecendo ao leitor as possibilidades de demarcar as resistências e possibilidades da prática apresentada em texto, tendo como foco imediato imaginar sua aplicação para/no espaço escolar.

Quando falamos no passado, a escola passa a ser um sujeito ontológico que resiste a mudanças, sejam arquitetônicas ou pedagógicas. Será? De forma implícita, ao evocarmos neste texto as experiências já feitas, apresentando uma alternativa de avaliar o ensino, direcionamos o encontro e confronto de concepções que estão calcadas em determinada formação, de quem dele contempla.

Ainda paira na formação de novos professores, não a falta de prática curricular e novas abordagens didáticas e metodológicas, mas sim a continuidade delas nos espaços escolares, se prova essa premissa pelas observações empíricas relatadas nos estágios supervisionados e em visitas às escolas e nos anos de magistério no ensino básico.

Por quê? Por haver um círculo vicioso na própria escola onde os temários e os currículos têm que serem vencidos, pois os exames para órgãos externos pedem sempre uma nota? Em que uma mudança na cultura da escola em muitos lugares, também depende de sua estrutura organizacional política de direção, coordenação e professores, não se esquecendo do cultural, social e econômico local?

Assim sendo, estes parágrafos supracitados, nos seguem apenas a título de reflexão, pois muitas são as possíveis respostas encontradas para tais provocações, que acabam escapando dos objetivos gerais deste trabalho. A falar nisso, convidamos o leitor a sentir-se provocado para com a prática que se segue.

O texto a ser apresentando discorre sobre as Instalações Geográficas, uma prática metodológica inserida como processo de criação e avaliação construtiva na disciplina de Estágio Supervisionado III, na turma do VIII semestre do curso de geografia da Universidade Regional do Cariri (URCA).

BALDRAME EM TERMOS DE ALICERCE

Sob o palco empírico do estágio supervisionado, e de suas contradições, trazemos a discussão acerca dos reclames provenientes da prática. É constante, neste espaço de formação, a angústia dos sujeitos-professores no que concerne a ultrapassar nas suas aulas uma pedagogia, creditada enquanto tradicional, e isto inclui, obviamente, o processo de avaliação.

Diante disso, para a superação, diante do processo de ensino aprendizagem, no que diz respeito ao processo de avaliação, propomos aos alunos do Estágio Supervisionado a

Avaliação Construtiva

A avaliação construtiva, termo designado por Ribeiro (2014),

“(...) retrata o processo de conhecimento que o aluno irá percorrer até o produto final, esse produto se realimenta diante do processo criativo, num ciclo que para a criança e o jovem são de extrema importância, pois levam os alunos a desenvolverem experiências para enfrentar o cotidiano”. (RIBEIRO, 2014, p. 135)

A avaliação por Instalações Geográficas¹ exige do aluno conteúdo, pesquisa, imaginação e criatividade, entre outros conhecimentos possíveis de serem alcançados com relação à atividade proposta pelo professor. Esses elementos ocorrem devido ao processo de combinação e de complexidade, em particular do acúmulo de experiências. De acordo com Vygotsky (2010) a diversidade e a experiência são, justamente, elementos importantes para a o processo criativo (RIBEIRO, 2014).

Esse processo criativo ocorre quando abordamos o conteúdo (no nosso caso, da Geografia) na sala de aula, e em seguida pedimos aos alunos que relacionem este conteúdo, em um movimento de representação, a determinado objeto (produzido ou não pelo homem). Este processo não é simples.

Inicialmente, é solicitado ao aluno, diante desse percurso, que aprofunde o tema da pesquisa para que num segundo momento este aluno dialogue com a sala sobre a sua temática. Para que isso ocorra é necessário que o aluno escreva um texto sobre as suas descobertas.

Quando o aluno busca os elementos que compõem a sua pesquisa, temos o próximo passo que é a passagem dessas cognições do pensamento para a escrita, isso ocorre por meio de associações de símbolos e signos, ressignificando o objeto de pesquisa inicial.

São essas complexidades da linguagem e a sua passagem para a escrita que o aluno por meio de suas experiências da linguagem, baseadas na sua vivência social, que reinventam o ato de imaginar e construir o seu objeto (a instalação).

Essa criação, a instalação resulta numa apresentação para um dado público (escolar ou não), esses dados, essas informações, esses símbolos, indubitavelmente se traduzem em um processo de conhecimento, resultando em aprendizagem.

A avaliação, promovida pelas I.G, não propõe deixar a margem outras formas de avaliação. Possui como objetivo atingir a realidade dos conteúdos e dos sujeitos envolvidos, ou pelo menos se aproximar dela, levando ao professor a tomar novas decisões e rever os seus resultados podendo dessa maneira corrigi-los, durante o processo de ensino, se necessário.

Em relação aos modelos de avaliação, existe uma variedade de designações,

¹ Pela frequência do termo, seja para Instalação Geográfica – no singular, ou Instalações Geográficas – no plural, utilizaremos a sigla I.G.

conceitos que normalmente são utilizadas quando os seus autores querem referir a algum tipo de avaliação como: avaliação autêntica (Tellez), avaliação contextualizada (Berlak), avaliação formadora (Nunziati), regulação controlada dos processos de aprendizagem (Perrenoud), avaliação educativa (Gipps), (FERNANDES, 2006).

As avaliações citadas por Fernandes se referem a uma avaliação para orientar, para melhorar as aprendizagens, mais contextualizada a um papel em que o aluno tem a desempenhar.

Num certo sentido poderemos dizer que todas são alternativas a uma avaliação que, genericamente, se caracteriza por dar mais ênfase aos processos de classificação, de seleção e de certificação, aos resultados obtidos pelos alunos, à utilização somativa dos resultados dos testes ou à prestação de contas (FERNANDES, 2006, p. 25).

De certa forma, podemos analisar as características dessas avaliações e suas mutações e perceber que elas são variações, como aponta Fernandes (2006), mais ou menos elaboradas de uma avaliação formativa inspirada em concepções cognitivistas, construtivistas e/ou socioculturais da aprendizagem. O que leva também a muitos autores atribuir e pensar a avaliação como medida.

Aliás, o que mais se observa nas escolas principalmente e nas Universidades no nosso caso URCA, em que o ato de medir tem o seu ápice pelo vestibular, à escola trata o aluno como um número (ou uma média a exemplo do Enem), e vemos propagandas das redes privadas de ensino mostrando os seus índices de aprovações para determinada área do saber.

Segundo Hadji (2001, p. 27), “medir significa atribuir um número a um acontecimento ou a um objeto, de acordo com uma regra logicamente aceitável”. Esse autor nos traz que a ideia de medir o desempenho dos alunos esta enraizada fortemente na mente dos professores, mas também na dos alunos, essa concepção reside na suposta “norma” das medidas adotadas pelas instituições e nos parâmetros nas “formas” utilizados pelos professores para atribuir uma nota, um número, uma letra aos trabalhos dos alunos.

Uma medida é objetiva no sentido de que, uma vez definida a unidade, deve-se ter sempre a mesma medida do mesmo fenômeno. Certamente, um erro é sempre possível, devido às imperfeições da instrumentação, pois ele resulta então das condições de operacionalização dos instrumentos. Ele provém da operação de medida. Por essa razão, pode ser calculado e, portanto, neutralizado (HADJI, 2001, p.27).

Portanto, reduzir a avaliação à medida implica aceitar a credibilidade da avaliação como instrumento de medida e desconsiderar que o resultado da avaliação não pode ter a subjetividade do avaliador, interferindo nos valores finais.

(...) registraremos aqui o fato de que hoje se sabe que a avaliação não é uma medida pelo simples fato de que o avaliador não é um instrumento, e porque o que é avaliado não é um objeto no sentido imediato do termo. Todos os professores avaliadores deveriam, portanto, ter compreendido definitivamente que a “nota verdadeira” quase não tem sentido (HADJI, 2001, p. 34).

Concordamos com Hadji quanto à figura do professor avaliador e quanto o que esta sendo avaliado não é objeto, pois o processo de compreensão sobre o ato avaliado é subjetivo e está sujeito a interferências psicológicas e de atitudes dos avaliadores em relação aos instrumentos e procedimentos para avaliar.

Em se tratando da avaliação formativa, a mesma

(...) sustenta que sua função principal é a de contribuir para uma boa regulação da atividade de ensino. (...) uma avaliação não precisa conformar-se a nenhum padrão metodológico para ser formativa (HADJI, 2001, pg. 19).

No contexto escolar outra função tradicional que a avaliação assume é a certificação, isto é, o diploma garante uma formação e, portanto, não necessita ao portador se submeter a novos exames e provas. “(...) A vantagem de uma certificação instituída é justamente a de não precisar ser controlada ponto por ponto, de servir de passaporte para o emprego ou para uma formação posterior” (PERRENOUD, 1999, p. 13).

A certificação garante apenas que saberes globais foi adquirido, para o aluno passar a série seguinte², ou passar para um curso mais avançado e até ser admitido a uma profissão.

Não podemos deixar de apontar outra lógica- a formativa- para o processo avaliativo, que se preocupam com o processo de apropriação do conhecimento pelo aluno, os diferentes caminhos que percorrem mediados pela intervenção ativa do professor, a fim de promover a organização e regulação das aprendizagens, para que o fracasso não ocorra, inserindo o aluno no processo educativo.

Nesse tipo de avaliação, a lógica e sua concepção se apoia em verificar se o aluno no final dos estudos ou semestre e ano letivo, se o mesmo adquiriu conhecimento.

Para esse processo de avaliação, Azzi aponta:

A avaliação que acontece ao final nos dá uma dimensão do significado e da relevância do trabalho realizado. Difundida nos meios educacionais com a denominação de somativa, é sempre associada à idéia de classificação, aprovação e reprovação. Tal associação tem sentido e não é errada em uma proposta que tenha esses objetivos. Numa proposta que vise à inclusão do aluno, a avaliação final necessita ser, redimensionada, sem perder seu caráter de seriedade e rigor (AZZI, 2001, p. 19).

2 Essa realidade de não aprovação para a série seguinte nas escolas públicas deixou de ser regra, em muitos Estados brasileiros, para que um aluno reprove é necessário um esforço tremendo por parte dele.

Diante desse processo de entender a avaliação e a sua importância, recorreremos à outra matriz que é a avaliação de cunho qualitativo, que propõe um processo de ultrapassagem da avaliação quantitativa que detém as premissas epistemológicas vigentes na atualidade.

A avaliação qualitativa pretende ultrapassar a avaliação quantitativa, sem dispensar esta. Entende que no espaço educativo os processos são mais relevantes que os produtos, não fazendo jus à realidade, se reduzida apenas às manifestações empiricamente mensuráveis. Estas são mais fáceis de manipular metodologicamente, porque a tradição científica sempre privilegiou o tratamento mensurado da realidade, avançando, por vezes, de maneira incisiva em algumas disciplinas sociais, como a economia e psicologia. Todavia, não se pode transferir à limitação metodológica a pretensa redução do real. Este é mais complexo e abrangente do que sua face empírica. A avaliação qualitativa gostaria de chegar até à face qualitativa da realidade, ou pelo menos de se aproximar dela (DEMO, 2004, p.156).

Podemos perceber que a avaliação qualitativa apresenta-se como um modelo em transição por ter como centralidade a compreensão dos processos da aprendizagem e de ensino, o que produz uma ruptura.

Afinal como podemos avaliar? O que é avaliar?

Ideia essa preconizada em muitas vezes para medir mudanças comportamentais, aprendizagem, mas também para quantificar resultados, ou méritos, encontra-se apoiada no positivismo. Ela visa a comprovar um rendimento do aluno com base nos objetivos (de conteúdo ou comportamental) essa quantificação é sistemática, ela se determina nas mudanças de comportamento do aluno e em que medida essas mudanças ocorrem, a avaliação é reduzida à medida e seu resultado se separa do processo de ensino (CALDEIRA, 2000, p.23).

Para Libâneo o conceito de avaliação da aprendizagem apresenta-se como;

(...) o componente do processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes com os objetivos propostos e, daí, orientar a tomada de decisões em relação às atividades didáticas (LIBÂNEO, 2004, p.196).

Luckesi (2006) nos faz refletir sobre o porquê de muitos professores serem resistentes a certas mudanças. Ele elenca três razões principais que levam os professores a resistirem:

A razão psicológica (biográfica, pessoal) tem a ver com o fato de que os educadores e as educadoras foram educados assim. Repetem automaticamente, em sua prática educativa, o que aconteceu com eles. Em segundo lugar, existe a razão histórica, decorrente da própria história da educação. Os exames escolares que praticamos hoje foram sistematizados no século XVI pelas pedagogias jesuítica e comeniana. Somos herdeiros desses modelos pedagógicos, quase que de forma linear. E, por último, vivemos num modelo de sociedade excludente e os exames expressam e reproduzem esse modelo de sociedade. Trabalhar com avaliação implica em ter um olhar includente, mas a sociedade é excludente. Daí uma das razões das

Para Luckesi (2006), a pedagogia jesuítica definia como um ensino eficiente o ritual de provas e exames, assim, como a pedagogia Comeniana que priorizava os exames para estimular o aprendizado dos alunos. Esse tipo de prova era baseado no medo, na punição e no ato de disciplinar.

Esse cartesianismo, posto principalmente pelas pedagogias jesuíticas, costumam a serem rompidas diante do processo de ensino aprendizagem, junto à sociedade excludente em que na maior parte dos estabelecimentos de ensino ainda persistem, continuam a formar nesse padrão, num ciclo, parafraseando Nietzsche, num eterno retorno, formando rebanhos não criativos.

Numa tentativa de romper com esse ciclo apostamos no processo de criação e construção dos saberes pelos alunos, sendo a avaliação construtiva uma alternativa para que o processo de ensino e aprendizagem se norteie pelas instalações geográficas.

A OBRA

Diante da discussão até aqui engendrada no texto, tomamos como alternativa um novo modelo de avaliação, mais conhecido como avaliação construtiva, como já supracitada. Essa avaliação tem como proposta, partindo do seu processo de construção, resultar numa obra, esta por instalações geográficas.

As instalações geográficas seguem uma sequência metodológica, as quais de forma didática são: 1. Conteúdo/tema geográfico; 2. Pesquisa; 3. Produção de um texto apontando para os signos e símbolos do conteúdo apreendido; 4. Teia de ideias, discussão do texto produzido ressignificando os signos e símbolos ao conteúdo; 5. Montagem e exposição; 6. Desmontagem; 7. Produção de um novo texto, reavaliando o processo de aprendizagem.

Sendo, portanto, a instalação geográfica definida sucintamente como a materialização de um conteúdo/tema geográfico pesquisado e trabalhado em sala de aula criativamente com signos e símbolos (RIBEIRO, 2014), o professor então solicitou como proposta trabalhar o sonho. Nessa, os alunos teriam que sonhar e anotá-los (registrar) em uma folha³ de papel.

Pensando em trabalhar o tema proposto com outras linguagens (recursos didáticos), o suspiro inicial se deu com “Waking Life”, filme estadunidense produzido no ano de 2001 que conta a história de um garoto que estando-o em estado de sonho progride para um estado de lucidez. Durante seu sonho, ele observa e participa de

3 Interessante lembrar que neste momento ao falar a proposta, muitas falas tomaram conta da sala de aula, umas em tom de interrogação “- anotar meus sonhos?”, outras em tom de ironia, “- como vou anotar meus sonhos se nem dormir eu durmo?” (Risos).

várias discussões com outras pessoas (professores, cientistas, filósofos) a respeito de assuntos como o evolucionismo, existencialismo, a consciência humana etc. O filme nos leva a uma longa e interrogante viagem no mundo do(s) sonho(s).

Para além do filme, foi-se trabalhado com dois textos para melhor fundamentação do tema proposto. Tais foram: A Divina Comédia do Dante Alighieri (1999) e O Homem e Seus Símbolos, do Carl Jung (1964). Este último autor na sua referida obra, trata de um estudo a respeito dos símbolos dos sonhos, da arte, dos mitos, etc., concebendo-o, portanto, o sonho como um despertar do inconsciente, um sopro da natureza que tinha uma função compensadora.

A Divina Comédia, obra prima de Dante Alighieri, escrita por volta do século XIV (concluída dez dias antes de sua morte), é um poema narrativo o qual subdivide-se em três grandes viagens pelo qual o próprio autor é guiado, sendo elas: O Inferno (parte 1), Purgatório (parte 2) e o Paraíso (parte 3). Nas duas primeiras Dante é guiado pelo poeta Virgílio que em muito lhe influenciou, e na terceira parte quem o guia é Beatriz, sua amiga e grande amada durante a infância.

Nos detemos, para tanto, na parte primeira, O Inferno. Nesta, Dante narra uma odisséia no mundo subterrâneo, onde para lá vão todas as almas (após a morte), pela qual, “segundo a crença cristã, aqueles que pecaram e não se arrependeram em vida.” No inferno, Dante, protagonista da história, é guiado pelo espírito de Virgílio, famoso poeta romano dos tempos de Júlio César.

Trabalhado essas obras em sala de aula, o exercício proposto (como antes mencionado) seria a partir do registro dos sonhos dos alunos, posteriormente narrados, interpretados e analisados em sala de aula para expiá-los diante dos nove círculos dantescos, de acordo com algum tipo de pecado que o sonho remetia, seja a luxúria, avareza, violência, traição, etc.

Lembrando que seguimos para a segunda etapa, na qual importância privilegiada é dada a pesquisa, e para terceira etapa que é a discussão do texto produzido, para a apresentação no que chamamos de Teia de Ideias, no que concerne ampliar um maior conhecimento dos alunos a respeito da temática, bem como na procura e escolha dos materiais a serem utilizados.

A quarta etapa metodológica, designada por Ribeiro (2014) “teia de ideias”, momento o qual somos levados a expor as ideias, a pensar o que ainda não foi pensado, indo à busca de signos/símbolos e objetos (no cotidiano) para materializar a proposta, os alunos tiveram que escrever um texto, tendo como suporte na pesquisa e nas discussões avançadas em sala de aula, descrever a respeito do seu sonho, bem como os elementos que iria utilizar para materializar na/a instalação, essa etapa é de suma importância por isso frisamos.

É importante enfatizar que as instalações geográficas deve partir de um objeto principal, o qual nele é instalado os outros materiais. Neste caso, o objeto principal

pensado e utilizado para materializar a instalação foi à almofada, que aqui simboliza o ato de dormir e sonhar, como pode ser visualizado na (fot. 1).



Foto 1: Aluna apresentando o objeto principal, a almofada branca.

Fonte: Alexandre (2016)

Nessa etapa, muitos *insights*, ideias, germinavam na consciência dos alunos, pois o processo de construção da obra, para resultar nas instalações geográficas, exige esforço mental, reflexão, imaginação, criatividade. Segue (fot. 2):



Foto 2: Debate em sala de aula, teia de ideias.

Fonte: Alexandre (2016)

A instalação geográfica pode ser realizada na escola, universidade, ou para além de seus muros atingindo uma dimensão social (Ribeiro, 2014). Desta forma, foi-se pensado pelo professor, para montagem e exposição desta, no Resistência

Arte Bar, localizado a caminho do Granjeiro, na cidade de Crato-CE, em uma quarta-feira (montagem), sábado (exposição, durante 15 dias).

A obra em geral intitulou-se: “Instalação Geográfica: Os Círculos de Dante – O Inferno”. Os textos deviam ser escritos poeticamente, descrevendo brevemente o sonho, o(s) círculo(s) dantesco a que o sonho se encaixava e os elementos a materializá-lo.

Deviam ser padronizado, com estruturas iguais, contendo no cabeçalho o nome da instalação, o círculo dantesco em algarismo romano e o nome do sonho representado, o que para provocar e chamar atenção optou-se por nomeá-los em latim, conforme exemplo no texto de um aluno (fot. 3).

INSTALAÇÃO GEOGRÁFICA
OS CÍRCULOS DE DANTE - O INFERNO
CÍRCULO DANTESCO I
LIMBUM CONCRETUM

No crepúsculo dos meus sonhos, deparo-me perdido em uma gaiola de pedra. Tratava-se de um labirinto urbano, cheio de leopardos (perigos da cidade), que provocavam-me tremores. Alguns eram evitados pelos conhecimentos do professor a que nos fazia de guia, tal qual Virgílio fez a Dante nas profundezas do inferno. Mas em certo momento, perco-o de vista. Estou eu naquele momento, preso ao limbo dantesco. A eminência daqueles edifícios ofuscava o brilho do sol, refletindo-os como um espelho, confundia meus sinais de orientação, deixando-me desterrado naquele chão. Estava bloqueado no espaço, por minha indecisão. Virgílio onde estás?

Representando a “grande cidade”, tenho os espelhos dispostos em forma de quadrado (Prisão), contendo ao seu centro uma bússola fixada na venda sobre o boneco, identificando a falta de orientação.

Dante Augusto Barros

Disciplina: Estágio Supervisionado III
Prof. Dr. **Virgílio Emerson Ribeiro**
Universidade Regional do Cariri - URCA

Foto 3: Print do texto produzido pelo aluno “Dante” Carlos Augusto Barros.

Fonte: Alexandre (2016)

De forma poética, escreve o aluno seu texto, narrando brevemente o seu sonho, que por sinal estava ele trilhando um percurso e acabou se perdendo na gaiola de pedra, o que segundo o mesmo, seria a cidade de São Paulo, e olhando para cima, ver-se cercado por “arranha-céus”, causando-lhe um sentimento de alheamento naquele lugar. Seu sonho intitula-se “Limbum Concretum” (Limbo Concreto), ligado ao círculo dantesco I (o limbo), as almas indecisas. Para representação do sonho, ele utiliza pedaços de espelhos (a cidade espelhada, São Paulo), um boneco com uma venda e uma bússola (falta de orientação),

Como se tratava de representar os sonhos com base nos círculos do inferno dantesco, um elemento curioso vale destaque, os três personagens principais da Divina Comédia são: Dante, Virgílio (o guia, a razão) e Beatriz, de modo análogo, intitulou-se o nome dos alunos: homens com o nome “Dante” no início; mulheres com o nome “Beatriz”, também no início e o professor com o nome “Virgílio”, aquele que guia a turma, no caso, os Dantes e Beatrizes.

Alguns alunos, no início pareciam estar um pouco apreensivos, uns com dificuldades na escolha e busca dos objetos para materialização do sonho, outros com dúvidas na escrita do texto. Porém, isso é bom, pensar e exercitar a escrita são tarefas árduas, e que acabam muitas vezes nos colocando em crises, em sofrimento, mas de tanto nossa mente “latejar” em busca de respostas, de alternativas, pulsa a imaginação, o ato criativo. E assim foram ganhando corpo as ideias que brotavam.

Abaixo (fot. 4), segue mais um texto de um aluno, “Dante” José Maria Melo Neto, aluno da disciplina de estágio supervisionado III.

INSTALAÇÃO GEOGRÁFICA
OS CÍRCULOS DE DANTE - O INFERNO
CICLOS DANTESCOS III E VIII
DESIDERIUM SAPOREM

Certa noite peguei-me a sonhar com uma bela moça, de lábios carnudos e vermelhos, que como febre, envolvia todo o meu corpo. Um sonho cheio de desejos, de vontades, de luxúria e sedução... A menina dos “meus sonhos” parecia querer saciar todas as minhas vontades. Entre vinhos suaves e mesas fartas, a noite encompridava-se aos nossos planos, o terceiro ciclo dantesco nunca foi tão saboroso. Retirei-a para dançar uma valsa que embriagou nossa noite de paixão. Nossos corpos pareciam misturados pelos mesmos calafrios. Naquela noite dizemos juntos, em uma só voz, SIM, eu aceito o prazer! Representando em forma de símbolos, relaciono a dentadura para representar a gula, e a rosa vermelha para mostrar toda sedução, romance, amor que é envolvido no sonho.

Dante José Maria Melo Neto

Disciplina: Estágio Supervisionado III
Prof. Dr. **Virgílio Emerson Ribeiro**
Universidade Regional do Cariri - URCA

Foto 4: Print do texto produzido pelo aluno “Dante” José Maria Melo Neto.

Fonte: Alexandre (2016)

O aluno com tom de entusiasmo e inspiração escreve seu texto fissurado no sonho que teve, marcado pela gula e sedução, ligado aos círculos dantescos III & VIII. Pensando em representar a gula, ele utilizou uma dentadura significando o ato de devorar com voracidade, de comer, enfim. E para representar a sedução, pensou na rosa vermelha, significando também o amor, romance. Sua instalação intitulou-se “Desiderium Saporem”, o sabor do desejo. E assim, se deu a etapa da teia de ideias e escrita dos textos.

Depois de todo um debate em sala de aula, da pesquisa, da teia de ideias, da procura e definição dos materiais a serem utilizados, caminhamos para a quinta etapa que foi a montagem e posterior exposição das instalações geográficas no “Resistência Arte Bar”, como já havia sido pré-definido.

Na montagem, os alunos se auto ajudavam de forma coletiva, os objetos e opiniões eram compartilhados afim de que todos pudessem agilizar o processo construtivo. É importante considerar que houve alguns erros/falhas, como por

exemplo: a almofada a ser utilizada, pois enquanto a maioria utilizava almofadas iguais na cor, tamanho e largura (padronização), outros erraram na escolha da mesma, utilizando umas maiores e/ou menores; os textos, que por vezes, alguns não seguiam o padrão, uma estética; mas são casos que acontecem e que foram corrigidos antes da montagem, o que não comprometeu a obra como um todo, (fot. 5).



Foto 5: Os alunos discutem sobre a montagem. O trabalho coletivo impera.

Fonte: Alexandre (2016)

Durante a montagem pensou-se na produção de uma faixa contendo a frase escrita no portão do inferno do livro de Dante – “Deixai toda esperança, vós que entrais!”. Essa faixa foi confeccionada pelos próprios alunos e posta na entrada da sala do Bar que dava acesso a porta para o corredor (dos devaneios) onde estavam expostas as instalações, (fot. 6):



Foto 6: Logo na entrada, o assombro inicial. Para dar acesso ao corredor, a frase na faixa: - “Deixai toda esperança, vós que entraís!”.

Fonte: Alexandre (2016)

Todo o processo de construção da instalação geográfica foi registrado, desde o momento de discussão em sala de aula, a que chamamos “teia de ideias”, a escrita do texto, montagem das instalações, produção da faixa, até a exposição final, (fot. 7).

Foi nítido perceber o assombro do público que contemplou a obra em si. O diferente, o estranho chama atenção, e quando isso acontece são tecidos questionamentos e reflexões que aspiram por mudanças, pelo novo. E quando estamos passando por um momento nada agradável/confortável em termos políticos, econômicos e sociais, a criatividade, a arte, a poesia são formas de causar rupturas na ordem posta.



Foto 7: Amostra do corredor do Resistência Arte Bar. No entremeio dos pecados, as pessoas contemplam a obra.

Fonte: Alexandre (2016)

REMATE

Eis a difícil missão de avaliar. Discorremos no trabalho uma discussão para com alguns modelos avaliativos que ao longo dos anos foram pensados e construídos no sistema escolar por pesquisadores e profissionais da área. Tais modelos, aos quais supracitados no corpo do trabalho, concebem o processo de avaliar apenas mirando e atingindo o aluno com uma nota, um número, uma média. Torna-se reles a subjetividade no ato de avaliar.

Para tal, partimos da proposta de um processo de avaliação construtiva, no qual, privilegia-se o percurso trilhado pelo aluno até resultar num produto final, a obra. Sujeito e objeto se reconhece nesse processo.

Mediante a concepção de Avaliação Construtiva, que se deu a partir

das instalações geográficas, a proposta do professor da disciplina de Estágio Supervisionado III, em se trabalhar o sonho, rompeu com algumas concepções/discursos tidos da geografia tradicional, indo para além dos conteúdos e temários que congelam-se nas páginas dos livros didáticos. O sonho, cujo liame, de inusitado a inédito, ferveu o pensamento dos professores em formação. Assombrados, foi-se possível questionar e refletir a necessidade de ir para além do que tá posto (até mesmo dos muros da sala de aula), encontrando o filão na pesquisa, imaginação e criatividade.

Portanto, diagnosticar o processo de avaliação, apresenta-se enquanto carência e necessidade de ruptura em torno de algumas concepções sobre esse conceito, mas inovar é preciso, é súplica, e precisamos ainda em muito percorrer o inferno, como o fez Dante, para podermos alcançar quem sabe o purgatório (E para não concluir... Hells Bells!).

REFERÊNCIAS

AZZI, Sandra. Avaliação e progressão continuada. In: AZZI, S. (coord). **Avaliação do desempenho e progressão continuada: projeto de capacitação de dirigentes**. Belo Horizonte: SMED, out. 2001.

A DIVINA COMÉDIA: INFERNO / Dante Alighieri. Versão em prosa, notas, ilustrações e introdução por Helder L. S. da Rocha. Ilustrações de Gustave Doré, Sandro Botticelli e William Blake. – São Paulo, 1999.

CALDEIRA, Anna M. Salgueiro. Ressignificando a avaliação escolar. In: _____. **Comissão Permanente de Avaliação Institucional**: UFMG-PAIUB. Belo Horizonte:

PROGRAD/UFMG, 2000. p. 122-129 (Cadernos de Avaliação, 3).

DEMO, Pedro. Teoria e prática da avaliação qualitativa. Temas do 2º Congresso Internacional sobre Avaliação na Educação. Curitiba, Paraná, 2004. p. 156-166.

FERNANDES, Domingos. **Para uma teoria da avaliação formativa**. Universidade de Lisboa, Portugal. Revista Portuguesa de Educação, 2006, 19(2), pp. 21-50 2006, CIEd – Universidade do Minho. www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rpe/v19n2a03.pdf

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

HADJI, Ch. *A avaliação desmistificada*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

LUCKESI, Cipriano. C. **Avaliação da Aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 18 ed. São Paulo, 2006.

LUCKESI, Cipriano. C. **Entrevista concedida à Aprender a Fazer, publicada em IP – Impressão Pedagógica**. Publicação da Editora Gráfica Expoente, Curitiba, PR, nº 36, 2004, p.4-6.

PERRENOUD, Ph. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

RIBEIRO, E. **Processos Criativos em Geografia: Metodologia para a Sala de Aula em Instalações Geográfica**. Tese (Doutorado em Geografia (Geografia Humana)) - Universidade de São Paulo, FFLCH. 2014.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**: livro para professores/Lev Semionovich Vigotski; apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Prestes. – São Paulo: Ática, 2010.

Site do trabalho:

<https://www.youtube.com/watch?v=m9hnJnPLEZo&index=1&list=PLoRL6K1s5FNMJ8M1KKcV02iEN8E9IMFWs>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afetividade 154, 155, 156, 157, 158, 162, 163, 235, 266

Agrotóxicos 49, 50, 51, 52, 54, 266

Alfabetização científica 1, 2, 7, 8, 266

Alimentos 3, 49, 50, 54, 60, 65, 67, 68, 70, 90, 97, 208, 266

Aplicativo scratch 20, 266

Aprendizagem 1, 3, 7, 9, 10, 11, 12, 15, 20, 21, 28, 40, 45, 64, 72, 74, 80, 82, 84, 88, 92, 94, 96, 98, 99, 100, 101, 103, 106, 109, 110, 111, 112, 117, 118, 119, 121, 122, 130, 132, 133, 135, 139, 140, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 171, 173, 174, 175, 182, 184, 185, 186, 187, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 203, 204, 212, 214, 217, 218, 220, 221, 254, 258, 259, 263, 266

Autonomia 7, 22, 48, 132, 137, 160, 204, 207, 266

Avaliação construtiva 116, 117, 118, 122, 129, 266

B

Barroco 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 266

Biologia 54, 55, 74, 89, 92, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 266

Bolo 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 263, 266

C

Caravaggio 223, 224, 225, 226, 227, 229, 230, 231, 232, 266

Ciberespaço 211

Ciências 1, 2, 3, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 20, 29, 54, 55, 59, 65, 66, 89, 92, 93, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 108, 109, 115, 155, 170, 172, 182, 184, 191, 192, 199, 205, 206, 210, 212, 215, 218, 221, 222, 224, 241, 245, 266

Community science 56, 59, 65, 266

Contextualização 1, 3, 5, 11, 23, 24, 51, 55, 227, 266

Corpo 16, 126, 129, 217, 228, 229, 233, 235, 237, 238, 239, 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 253, 254, 255, 257, 258, 259, 262, 263, 266

Corresponsabilidade 173, 266

Criatividade 21, 107, 116, 118, 124, 129, 130, 159, 167, 194, 221, 248, 266

Crise democrática 39, 41, 47, 266

Culinária 58, 63, 67, 68, 219, 266

Cultura 19, 21, 31, 32, 33, 59, 63, 102, 103, 117, 134, 139, 152, 153, 160, 183, 187, 194, 200, 224, 227, 228, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 242, 243, 244, 245, 248, 258, 266

Cultura matemática 102, 103, 266

D

Decolonialidade 233, 237, 242, 266

Deficiência visual 164, 166, 183, 184, 187, 188, 266

Desperdício 67, 68, 266

Didática 46, 54, 98, 122, 140, 182, 186, 189, 193, 255, 266

Discriminação 206, 208, 267

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 12, 15, 16, 19, 21, 28, 29, 30, 32, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 54, 65, 66, 67, 73, 83, 84, 90, 91, 92, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 114, 115, 121, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 154, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 171, 172, 174, 175, 182, 184, 187, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 204, 208, 210, 211, 212, 213, 219, 220, 222, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 249, 263, 264, 267

Educação infantil 1, 4, 6, 7, 110, 241, 247, 249, 267

Ensino 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 27, 28, 29, 30, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 58, 59, 64, 65, 66, 67, 70, 72, 73, 80, 81, 82, 83, 84, 88, 89, 91, 92, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 140, 141, 142, 146, 152, 153, 155, 156, 157, 158, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 182, 183, 184, 185, 186, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 202, 203, 206, 207, 211, 212, 214, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 233, 247, 248, 249, 259, 263, 265, 267

Ensino de física 166, 171, 172, 183, 184, 267

Ensino de química 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 19, 20, 27, 28, 29, 30, 49, 50, 55, 58, 267

Ensino de sociologia 211, 212, 267

Ensino médio 17, 20, 21, 23, 28, 29, 41, 44, 50, 54, 58, 67, 82, 83, 101, 134, 142, 146, 152, 153, 165, 167, 173, 176, 182, 183, 184, 185, 207, 211, 218, 219, 221, 267

Escrita 3, 104, 116, 118, 123, 126, 127, 128, 129, 166, 195, 207, 215, 220, 246, 247, 248, 249, 254, 255, 257, 258, 259, 260, 262, 263, 265, 267

Espaço urbano 141, 143, 145, 152, 267

F

Filosofia 104, 115, 140, 182, 193, 194, 195, 197, 200, 201, 202, 203, 204, 236, 267

Física 12, 15, 21, 31, 34, 74, 99, 105, 108, 110, 115, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 191, 192, 206, 210, 227, 240, 247, 267

Formação continuada 14, 15, 17, 18, 19, 65, 84, 170, 171, 182, 207, 267

Formação de professores 30, 39, 40, 41, 46, 47, 65, 81, 93, 115, 166, 167, 171, 172, 191, 206, 265, 267

G

Geografia de santa catarina 82, 83, 84, 88, 267

Grafismo 246, 249, 252, 253, 254, 256, 257, 262, 267

I

Identidade 134, 142, 154, 158, 159, 161, 162, 175, 233, 236, 237, 238, 239, 240, 244, 245, 267

Implicações 9, 134, 156, 161, 182, 246, 264, 267

Inclusão 72, 108, 110, 120, 157, 164, 165, 166, 167, 169, 171, 172, 173, 176, 179, 182, 183, 187, 206, 208, 267

Instalações geográficas 116, 117, 118, 122, 123, 124, 127, 130, 267

Inteligências múltiplas 9, 10, 11, 12, 13, 268

Interdisciplinaridade 28, 154, 155, 156, 157, 158, 162, 163, 221, 268

J

Jogo 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 51, 54, 89, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 107, 112, 113, 161, 250, 263, 268

Jogos de linguagem 102, 103, 106, 112, 115, 268

L

Licenciatura em química 4, 17, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 50, 205, 268

Linguagem 22, 28, 64, 102, 103, 104, 106, 107, 112, 113, 115, 118, 155, 183, 187, 192, 201, 216, 231, 246, 247, 248, 264, 268

M

Matemática 12, 28, 29, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 79, 80, 81, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 155, 255, 261, 266, 268

Materiais concretos 72, 75, 76, 78, 79, 80, 173, 268

Material didático 82, 109, 168, 176, 187, 268

Metodologia 15, 16, 28, 50, 56, 59, 82, 100, 104, 107, 108, 111, 116, 131, 170, 174, 189, 193, 218, 220, 221, 246, 248, 268

Minilivro 67, 68, 268

Modellus 183, 184, 186, 189, 191, 192, 268

Modelos e jogos didáticos 89, 268

Multiscience 56, 57, 65, 268

N

Nvda 183, 187, 189, 191, 268

O

Obmep 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 268

Oficina 30, 31, 32, 36, 37, 268

Ofício de aluno 154, 155, 158, 159, 161, 268

Olimpíada 72, 73, 74, 78, 79, 80, 81, 268

P

Paisagem 134, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 151, 152, 153, 268

Parasitologia 89, 91, 93, 94, 96, 97, 99, 100, 101, 268

Pibid 50, 51, 72, 73, 80, 81, 268

Práticas escolares 102, 103, 114, 175, 184, 236, 237, 238, 240, 268

Preconceito 206, 207, 208, 237, 268

Professores 9, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 30, 37, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 47, 48, 65, 73, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 91, 92, 93, 98, 99, 100, 101, 107, 108, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 123, 130, 131, 157, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 182, 184, 186, 191, 193, 195, 197, 199, 200, 202, 206, 207, 208, 210, 237, 247, 248, 265, 267, 268

Q

Química 1, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 27, 28, 29, 30, 32, 34, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 51, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 65, 74, 101, 173, 176, 179, 182, 205, 206, 267, 268, 269

R

Recurso didático 85, 94, 98, 103, 104, 114, 164, 168, 170, 269

Reflexão 20, 21, 23, 36, 37, 41, 45, 94, 100, 114, 116, 117, 124, 132, 133, 136, 166, 167, 171, 174, 201, 203, 214, 239, 246, 247, 248, 251, 259, 262, 269

S

Saber científico 56, 89, 269

Saberes populares 52, 56, 59, 63, 64, 66, 269

São jerônimo 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 269

Síndrome de down 173, 269

Sociologia digital 211, 269

Soluções 49, 50, 51, 52, 53, 54, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 146, 218, 269

Sonhos 116, 122, 123, 126, 269

T

Tabela periódica 173, 177, 178, 179, 180, 181, 269

Tabuada interativa 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 269

Terapia desconstrucionista 102, 103, 104, 106, 108, 269

Tics 269

Tratamento de água 1, 4, 5, 269

Trote 205, 206, 207, 209, 210, 269

V

Valores sociais 206, 210, 269

Velho 223, 224, 226, 227, 229, 230, 231, 269

Violência de gênero 30, 31, 33, 269

 **Atena**
Editora

2 0 2 0